

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE CENTRO DE
HUMANIDADES

UNIDADE ACADÊMICA DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA

CURSO DE BACHARELADO EM HISTÓRIA

Guerra de Canudos: Uma análise político-religiosa

George Soriano de Sá

Campina Grande-PB

2008

Guerra de Canudos: uma análise político-religiosa

Monografia apresentada como consequência do trabalho acadêmico orientado como requisito para conclusão do curso de Bacharelado em História pela UFCG, sob a orientação da professora Rosilene Dias Montenegro.

GEORGE SORIANO DE SA

**GUERRA DE CANUDOS:
UMA ANÁLISE POLÍTICO-RELIGIOSA**

Banca Examinadora:

Dra. Rosilene Dias Montenegro
(Orientadora)

Dr. Alarcon Agra do Ó
(Examinador)

Dr. José Benjamim Montenegro
(Examinador)



Biblioteca Setorial do CDSA. Dezembro de 2023.

Sumé - PB

Agradecimentos

A Deus, criador e força motriz do universo. A professora Rosilene Dias Montenegro pelas suas férteis orientações.

DEDICATÓRIA

AOS MEUS PAIS JURANDIR SORIANO DE SÁ E GILDA MARIA SORIANO DE SÁ

Resumo

Através deste trabalho de monografia, procuro apresentar o processo que envolveu a guerra de Canudos ocorria no período 1893-1897, cujo auge deu-se entre 1896 a 1897, sendo este último ano o encerramento deste conflito político-religioso.

Ainda no âmbito deste trabalho, procuro analisar Antônio Vicente Mendes Maciel (Antônio Conselheiro) pessoa considerada polêmica e mística, sendo respeitado ou mesmo venerado pelas pessoas sofridas do sertão do nordeste, mas por outro lado, era mal visto pelos grupos de pessoas detentoras de grandes posses, além das forças de segurança.

Palavras-chaves: Conselheiro, Canudos, beato.

Sumário

Introdução	1
Capítulo I - Canudos no contexto religiosos nordestino no século XIX	2
Capítulo II – Antônio Conselheiro	12
Capítulo III – análise das imagens	20
Conclusão	32
Referências	35

Introdução

Considero um desafio elaborado este trabalho de monografia, cujo tema, guerra de Canudos, nos leva a um mergulho num dos conflitos mais graves ocorrido no sertão do nordeste brasileiro no período 1893-1897, cujo auge deu-se entre 1896-1897.

O citado conflito repercutiu nacionalmente, ficando marcado na História do Brasil, até o momento muito se tem pesquisado sobre a guerra de Canudos entre livro, além de um filme.

Em meio a tudo isso, está o nome de Antônio Vicente Mendes Maciel (Antônio Conselheiro), liderança central do conflito ocorrido no território baiano.

Conselheiro era ao mesmo tempo emblemático e místico.

Era venerada pelas pessoas humildes do povo, mas por outro lado, não era bem visto pelas forças de segurança, pelo clero e pela classe detentora de poder político, social e econômico.

No processo de elaboração desta monografia procurei aprofundar-me ao máximo que pude nas pesquisas sobre a temática.

Capítulo I

Canudos no contexto religioso nordestino no século XIX

O contexto religioso nordestino no século XIX impulsionava a formação e a ação de grupos religiosos, principalmente, aqueles de cunho messiânico, tendo como exemplo, o movimento liderado por Antônio Vicente Mendes Maciel.

Causas políticas, econômicas, sociais, culturais, foram fatores cruciais para a ação de grupos com características messiânicas.

No livro *Canudos: uma utopia no sertão*, o autor José Antônio Sola, no primeiro parágrafo do capítulo 1, trata de algumas causas que provocaram o “isolamento” de áreas do nordeste das demais religiões do Brasil.

Na introdução geral do livro o messianismo no Brasil e no mundo, a autora Maria Isaura Pereira de Queiroz esclarece bem os termos “messias” e “messianismo”, bem como, as suas relações com os relatos bíblicos.

Segundo Maria Isaura Pereira de Queiroz, “Os messias ocupam sempre uma posição de superioridade em relação aos fiéis, uma vez que o messias é o líder no ápice e os fiéis na base, encontra-se um grupo intermediário a ambos, que são os discípulos mais chegados” (Queiroz, Maria Isaura Pereira de – *O messianismo no Brasil e no Mundo* – 1976) Editora Alfa – Omega.

De acordo com Luiz Koshiya e Denis Pereira “A origem beatos encontra-se nas atividades ligadas ao padre José Maria Ibiapina, que seguindo a orientação do catolicismo de seu tempo, procura melhor comunicação entre clero e fiéis.

A igreja não via com bons olhos a ascensão da comunidade de Canudos, chegando a enviar um certo número de padres para preparar relatórios acerca do

movimento liderado por conselheiro à época, Antônio Vicente (Conselheiro) rejeitava o casamento civil estabelecida, a partir da constituição republicana de 1891.

No parágrafo 5 do texto 1897 a 1997: O centenário do fim da guerra de Canudos, a autora Regina de Abreu esclarece o conceito relativo ao movimento de Canudos, liderado por conselheiros.

O citado movimento da época, era tido como fonte do mal, bem como, da desordem. Cientista brasileiro de renome, entre eles o médico Mina Rodrigues, consideravam o beato (Conselheiro) um desajustado mental.

No mundo intelectual brasileiro também havia uma rejeição ao levante de Canudos, era também denominado de "seita do Conselheiro". O lançamento da obra os Sertões, cuja autoria é de Euclides da Cunha lançou novos questionamentos acerca do debate envolvendo Canudos.

Euclides da Cunha, que acompanhou a fase final do citado conflito como repórter do jornal O Estado de São Paulo, chegou à conclusão que a citada guerra tinha sido um erro histórico. De acordo com o citado autor, em vez de soldados, o governo republicano deveria ter enviado "mestres escolas" pra educar a população de Canudos no caminho do progresso e da civilização, ou seja, as autoridades militares e civis erraram e abusaram do poder ao reprimir pela força uma população que deveria, pelo contrário ser integrada ao Estado - nação (parágrafo 5, páginas 2 e 3).

No terceiro parágrafo do capítulo 2 do livro Canudos: uma utopia no sertão, José Antônio Sola esclarece que várias lideranças que já atuaram em solo nordestino, mas nenhuma delas (lideranças) conseguiu alcançar a liderança do líder e fundador da comunidade de Canudos.

Um outro aspecto a ressaltar dentro desta questão é o sistema patriarcal.

As pessoas que seguiam as orientações de Antônio Conselheiro o tinham como um pai no sentido tradicional da palavra.

Ele (Conselheiro) estabeleceu regras que a comunidade canudense tinha que seguir. Exemplos: Proibição de utilizar bebida alcoólica, bem como, a prostituição.

Um dos fatores que propiciavam a ação de lideranças messiânicas ou carismáticas no interior do nordeste era provavelmente a falta de padres locais. De acordo com o professor e escritor Cândido da Costa e Silva, titular da disciplina história das Religiões da Universidade Federal da Bahia “não existiam para contestar a Igreja oficial, mas para suplementá-la” (parágrafo 8 da página 2 do texto a guerra dos Canudos – parte I, A grande manifestação anti-República no Brasil do final do século XIX).

<http://maxpages.com/elias/querra> guerra dos Canudos parte I.

A presença de padres seria fundamental para ocupar ou desestimular o máximo possível dos espaços que seriam preenchidos por lideranças tipicamente messiânicas.

Mas ocorreu o contrário havia falta de padres que pudessem assistir as famílias.

No parágrafo 5 do texto “Conselheiro e a Cidade Santa de Belo Monte (José Cardonha) explica a organização da comunidade canudense, principalmente, no aspecto religioso.

Os casamentos e batizados eram realizados somente quando da presença de algum padre, na Igreja Planejada e construída por decisão de Conselheiro.

Vale salientar que Antônio Conselheiro nunca celebrou cerimônia tipicamente católica, atendo-se a pregação e a prática de reza do terço.

Conselheiro estava cercado de um grupo especial formado por 800 (oito centos) homens e 200 (duzentas) mulheres que compunham a Companhia do Bom Jesus, ou Santa Companhia.

Era a equipe de assessoria mais próxima do beato, ou seja, uma espécie de irmandade.

O beato exerceu uma autoridade do ponto de vista moral-religiosa incontestada naquela comunidade.

O seu discurso externou um forte lado místico que atraía a atenção das pessoas por onde ele passava, mas foi na comunidade de Canudos que ele (beato) exerceu intensamente o citado discurso, como forma de controle disciplinar.

Através desse discurso, ficou estabelecido todo um conjunto de regras que a população canudense deveria seguir.

O líder em análise estava envolto em algo misterioso que envolvia aspectos místicos, religiosos e messiânicos que atraíam as atenções populares para a sua pessoa.

O seu poder de convencimento era grande, principalmente sobre as pessoas humildes, carentes, que habitavam no sertão nordestino.

Ao padre Ibiapina deve-se a criação de inúmeras casas de caridade, mescla de orfanatos e escola que se multiplicaram a partir da segunda metade do século XIX. Conselheiros: segundo Luís Koshiba e Denise M. F. Pereira, no seu livro "História do Brasil", (páginas 226-227): Procurar nas normas da BNT.

O professor José Cardonha explica, no segundo parágrafo do texto "Conselheiro e a Cidade Santa de Belo Monte", a questão da jurisdição da Igreja

Católica em relação ao casamento e ao sepultamento que fora anulada pelo advento da República.

Antônio Vicente Mendes Maciel (Antônio Conselheiro) lutou para que a Igreja Católica tivesse jurisdição, sobre casamento e sepultamentos, a mesma Igreja que passou a se adaptar ao novo regime, acatando as regras, os limites que este lhe impondo. Mesmo com ação do beato, a Igreja já tinha tomado a sua decisão firme.

Com a proclamação da República, o Código Penal caracterizava como crime o sacerdote fazer casamento antes do civil.

Era o início do denominado Estado laico.

No primeiro parágrafo 37 do livro "O messianismo no Brasil e no mundo, a autora Maria Isaura Pereira de Queiroz trata da relação, crenças messiânicas e salvação terrena.

Os messias têm este título na medida em que determina coletividade (comunidade) o reconhece como uma grande liderança.

A figura de Antônio Conselheiro está inserida nesta relação messianismo – salvação.

Durante o tempo em que Antônio Vicente Mendes Maciel (O Conselheiro) passou na localidade de Canudos, a mesma foi envolvida num clima místico intenso, cuja liderança central foi o debatido Conselheiro.

A prática de rezas era comum naquela comunidade localizada no sertão da Bahia. O ar místico que envolvia aquele povoado era levado muito a sério.

O imaginário religioso nordestino era, á época, bastante fértil e bastante intenso.

Vale citar as crenças populares: mulas-sem-cabeça, lobisomens, benzeduras, caaporas, etc. Segundo o escritor Euclides da Cunha, o fator sociólogo, que cultivara a psicose mística do indivíduo, limitou-se sem a comprimir, numa harmonia salvadora.

Uma outra faceta do movimento canudense era o ideal militarista.

Havia uma apreensão em relação ao anti-Cristo aflorando na denominada derrocada universal da vida. O término do mundo próximo.

Havia uma defesa de que os fiéis deixassem de lado todos os seus haveres, enfim, tudo aquilo que o levassem à mácula com um simples e singelo traço de vaidade.

Que todas as riquezas ou fortunas estavam a um passo da catástrofe e quem era uma temeridade manter as mesmas:

Que abrissem mão das venturas mais passageiras e transformassem a vida em algo tifo como um purgatório; e não manchassem a mesma com um sorriso.

O juízo final aproximava-se, rapidamente.

Quando eclodiu o movimento de Canudos, o Brasil já vivia sob o Regime Republicano. Casamento Civil, bem como, a separação entre Estado e religião, foram algumas das mudanças introduzidas pelo novo Regime.

Antônio Conselheiro, tradicionalista como era, não concordava com estas mudanças. Conselheiro defendia os valores tradicionais da sociedade brasileira naquela época.

Personalidade enigmática, o beato despertava as atenções das pessoas das comunidades por onde ele passava e pregava ou atuava.

Foi uma típica liderança considerada messiânica-popular até então bastante comum na região nordeste do nosso Brasil.

As pessoas que seguiam as orientações do beato o tinham como santo, enquanto que tantas outras acreditavam que Antônio Conselheiro era Jesus Cristo reencarnado.

Se dizia um pecador que devia pagar (purgar) seus pecados (erros graves) Uma de suas características era imitar através de seus sermões a maneira como padres atuavam em suas missas (como os pregavam nas missas), declarando frases em latim.

As suas pregações prendiam a atenção das pessoas de modo reverente.

Ele (beato) adorava um estilo de confraria. No século XIX. as pregações feitas por personalidades definidas como místicas ou messiânicas serviam de coesão político-religiosa das comunidades sertanejas assistidas/visitadas por messiânicos.

Naquela época, a prática messiânica se distinguia pelo seu caráter profundo da liderança, respeitada pelas pessoas que a coragem com todo o respeito e veneração. “Para Luiz Barreto Lopez o messianismo não era uma crença passiva, mas uma força prática e dinâmica a exigir auto-sacrifício”.

A rebelião de Canudos tornou-se o mais emblemático exemplo de manifestação tipicamente messiânica do Brasil.

Por que emblemático? Em primeiro lugar, ocorreu no sertão baiano. Em segundo lugar, foi organizada e liderada por Antônio Vicente (Conselheiro), um típico representante místico do interior do Brasil à época .

Foi uma liderança que impunha respeito àquela comunidade do sertão da Bahia.

O citado líder foi uma liderança que marcou toda uma luta contra as injustiças, a miséria que afetam todo um povo sofrido.

No século XIX era comum o afloramento de líderes com características de messias. O líder da citada rebelião conhecia a situação da região do sertão nordestino.

Então o beato em tela mergulhou numa peregrinação até chegar à Bahia, onde tratou de organizar uma comunidade para resistir à repressão governamentalmente.

O conflito canudense foi um marco que dividiu-se em antes e depois. Até hoje o mesmo repercute na história do Brasil, sendo matéria de estudo, análise.

O movimento canudense causa bastante polêmica, principalmente, com a Igreja Católica para o autor Luiz Roberto Lopez, a rebelião de Canudos se tornou o mais famoso exemplo de manifestação messiânica do Brasil.

Vale salientar que a prática messiânica foi ponto chave daquele movimento.

Na óptica de Euclides da Cunha, a citada rebelião era um “produto de misticismo atrasado, de um sentimento pré-político perante a opressão e a miséria”. (História do Brasil contemporâneo -- página 31).

O movimento rebelde em estudo cujo líder (beato) era tido como sendo enviado por Deus adiantar e preparar o caminho de retorno do Rei dom Sebastião, etc.

O lado místico que envolveu aquele povoado baiano foi bastante forte, cuja liderança estava a cargo do conhecido beato.

Desejava-se a implantação do reino da felicidade, do bem-estar para as pessoas.

O enfoque religioso deu impulso para que a população canudense agitasse de forma ou maneira incisiva, séria, forte e contundente ao fundador uma comunidade daquele porte, o líder Antônio Vicente criou ou formou uma trincheira de luta, resistência.

O principal fator que mantinha o povo de Canudos unido a Conselheiro era a fé intensa. Aquele povo acreditava naquela liderança Cearense que estava atraindo multidões por onde ele passava , cumprindo agenda.

Dentro do contexto religioso nordestino no século XIX, o messianismo foi fundamental para o desencadeamento do conflito canudense.

Vale salientar que o sistema messiânico propiciou, nas comunidades sertanejas, uma hierarquia do tipo social e um tipo de padrão comportamental coletivo. A elas aderiram um grande número de pessoas aguardando uma vida melhor, mais digna, confortável.

À época, o povo canudense, apesar das dificuldades econômicas, sociais, bem como, políticas, tinha esperança de tempos melhores.

Precisa de alguém com pulso firme para liderar e comandar àquela comunidade, alguém que unisse, fosse o centro da união entre a citada liderança e as pessoas que seguiam o seu ideário de luta, ação.

Apesar do caráter tido como místico aquela movimentação de Belo Monte (Canudos), uma nova etapa passou a figura na nossa realidade nordestina, sertaneja, ou seja, o antes e o depois daquele acontecido.

Vale salientar que, segundo o autor Luiz Roberto Lopez, “O messianismo não era uma crença passiva, mas uma força prática e dinâmica a exigir auto-sacrifício e obediência”.

As condições sócio – econômica – política do sertão nordestino no século XIX foi um celeiro para a formação de grupos muitas vezes tachados de radicais, fanáticos, místicos e contestadores.

Tais grupos demonstravam união em torno de um ideal de luta contra uma ordem estabelecida no caso em tela, foi uma revolta contra as injustiças, a opressão governamental.

Capítulo II

Antônio Conselheiro

Antônio Vicente Mendes Maciel (Antônio Conselheiro) nasceu em 13 de março de 1830 (há informações de que nasceu em 1828, mas não é certeza) em Quixeramobim CE (antiga Vila Campo Maior e Quixeramobim) e faleceu no dia 22 de setembro de 1897.

Seu pai Vicente Mendes Maciel foi comerciante de secos e molhados, além de cuidar do setor de construção civil.

Sua mãe, Maria Joaquina do Nascimento, faleceu quando Conselheiro tinha 6 (seis) anos de idade no ano de 1836.

Com falecimento de sua mãe, seu pai contraiu novo matrimônio, mas foi a partir daí que começaram os problemas de relacionamento do beato com nova esposa de seu pai.

Alem disso, Conselheiro sentiu o conflito entre a sua família (Maciel) e a família Araújo, além da influência mística, bastante comum no sertão à época.

O pai de Antônio Maciel (Conselheiro) orgulhava-se que o filho, mesmo atarefado com os estudos, vinha auxiliá-lo nas tarefas exercidas no âmbito de armazém.

Após aprender a ler e escrever, o beato ingressou no curso dirigido pelo professor Manuel Antônio Ferreira Nobre, onde estudou latim, português e francês, o que proporcionou um avanço importante para ele.

O seu pai, Vicente Mendes Maciel, faleceu em 1855, e com a situação financeira difícil, Antonio Conselheiro ficou sem condições de administrador a loja.

Seu pai, sem instrução escolar, empenhou-se para que o seu filho alcançasse um bom nível de instrução (estudo)

Estudou latim, francês e português.

Utilizava-se de frases em latim, introduzindo-as nos seus "conselhos", normalmente baseados na Bíblia Sagrada, a qual ele entendia de forma suficiente.

Utilizando-se do latim e citando a Bíblia Sagrada, sentia-se preparando para contestar os padres com atuação no sertão nordestino.

Seus conselhos eram extensos, suas palavras tête-à-tête, rápidas.

Resolveu deixar Quixeramobim - CE, após falir na atividade comercial, já casado com Brasilina Laurentina de Lima, com quem tinha parentesco; tentou, sem sucesso, atuar em diferentes atividades: magistério, comércio, além de auxiliar de advocacia.

Retirou-se, ou melhor, atuou em Pernambuco, Alagoas, Sergipe e Bahia entre 1855, quando o seu pai faleceu e a sua saída do Ceará, pouco se sabe de sua vida naquele período.

Os dados disponíveis apontam-no como uma pessoa reservada, tranqüila e não muito efeito a brincadeiras.

Dificilmente deixava a casa comercial do seu pai.

As informações sobre a vida do beato são imprecisas, duvidosas (não claras). Tal insuficiência documental fez e faz com que trabalhos duvidosos sobre o citado líder chegassem ou cheguem ao público.

São interpretações de ordem psicológica e sociológica sobre a principal liderança da comunidade de Canudos.

Provavelmente, o fracasso amoroso econômico provocou as ações do beato.

Abandonado pela esposa ao fracasso nos negócios, o beato adentrou nos sertões de onde emergiu como Antônio Conselheiro.

O sucesso do beato como pregador terminou colocando em evidências as condições de vida de um líder humilde do meio rural do Nordeste nos últimos anos da Monarquia e nos primeiros anos da República.

Esse cenário social não foi bem analisado por nossos cientistas sociais, mais interessado em assuntos sociais e político, principalmente os do centro-sul. O beato teria se ocupada de diferentes afazeres, entre eles o de domador e de pedreiro construtor.

Porém, existe uma clara coerência em sua evolução profissional.

Possuindo uma forma cultural acima da média, tentou valer-se dela ingressar no magistério, na condição de professor primário, caixeiro, escrivão e advogado provisional, para estabelecer uma situação profissional em evolução.

Deste modo, fica patente a sua vocação para atividades verdadeiramente intelectuais. Essa vocação era limitada em virtude das suas condições materiais e, principalmente, pelos aspectos cultural, social e econômico do seio de uma das mais arrasadas e paupérrimas regiões do Brasil escravista.

Ele (beato) decidiu sair em busca de um local para estabelecer-se profissionalmente antes de separar-se da primeira esposa.

Tudo leva a crer que não era amargurado. Em seguida refez a vida familiar com Joana Imaginário, com quem teve um filho. Além de construir duas igrejas em

Canudos, o beato escreveu a obra. As Prédicas aos Canudenses e um Discurso sobre a Republica, no qual revela conhecimentos de latim e um bom conhecimento do Antigo e Novo Testamento. Essa obra é de grande importância para um bom estudo.

A popularidade do beato estava tão em alta que chegou ao ponto de as pessoas, mesmo aquelas que não conheciam o citado líder, colocavam alguma fotografia do mesmo nas paredes, como forma de cultura e de disseminar a sua imagem.

Em 1876, Conselheiro teria escolhido as áreas próximas de Itapicuru de Cima, na Bahia, provavelmente, como base de atuação.

Dali, decidiu partir para as suas peregrinações. No mesmo ano de 1876, provavelmente pelo crescimento do número de pessoas que seguiam suas orientações, o beato foi preso, ao que parece, acusado de assassinar a esposa, ou de qualquer outra prática criminosa praticada no Ceará.

Em 26 de maio de 1876, Dom Luiz D'amour teria solicitado à polícia baiana providências contra Antônio Vicente.

Antônio Vicente (Conselheiros) foi detido por um destacamento formado por 15 (quinze) policiais, sob o comando do Alferes Diogo Antônio Bahia.

Segundo o ofício expedido pelo delegado de Itapicuru, teriam sido remetidos para a capital, igualmente, dois seguidores de Antônio: José Manoel, que foi arrolado à força ao Exército, sob o pretexto (acusação) de não possuir bens e emprego, como era comum e corriqueiro, e Estevão, acusado de ser cativo (escravo) fugido de uma viúva da província de Sergipe.

Por um longo tempo a sua vida foi pacata. Antônio Conselheiro uniu-se duas vezes matrimonialmente, ambas as uniões não foram levadas a bom termo. A primeira companheira o abandonou.

Ele (Conselheiros) vivia em constantes atritos com a sua primeira esposa, agravando-se pela interferência de sua sogra que amparava a sua filha nos momentos de conflito. Tempo depois conhece Joana Imaginária, sua nova companheira, que exercia o ofício de esculpir imagens de santos.

O misticismo passou a fazer parte da sua rotina. A partir de sua união com Joana Imaginária, começou a estudar a Bíblia com maior intensidade, seguindo a mesma postura religiosa de sua nova companheira.

Amor e fé religiosa fortaleceram a união entre os dois até um certo tempo.

Após o nascimento de seu filho, a união de beato com Joana Imaginária rompeu-se. Após o rompimento, o beato deixa para trás esposa e filho e parte para uma nova fase da sua vida peregrina.

Logo depois dos rompimentos matrimoniais, Antônio Conselheiro passou a dedicar-se mais às suas pregações (tudo leva a crer que a idéia de se tornar um “pregador” dos sertões só veio à tona anos depois).

Sentindo-se humilhado, ficou sem ânimo para aceitar Joana Imaginária outra vez em sua companhia, levando-se em consideração o que ocorreu no relacionamento anterior. Ao desejar uma situação social mais condizente para o filho, Vicente Maciel teria desejado destinar o filho à vida eclesiástica.

Caso o filho desejasse alcançar tal posição, seria um importante processo da ascensão social para uma família de baixo poder aquisitivo.

Segundo a tradição, a decisão do pai não se cumpriria devido à oposição do menino. O pai do beato desejava que não ficasse iletrado como ele.

Após aprender a ler, a escrever e a contar com um conhecido de seu pai, de acordo com o Capitão Raimundo Chagas. Um fato que facilmente pode revelar o verdadeiro estado de espírito do Conselheiro ao romper matrimonialmente com Joana e a incerteza quanto a sua vida.

Após peregrinar por diferentes comunidades, hospedou-se na residência de um parente seu para passar uma noite (pernoite).

Em determinada hora da madrugada os dois desentenderam-se e Antônio Conselheiro feriu o seu parente.

Lourenço Correia, que hospedara o beato, fez o caso chegar à polícia, mas devido ao apelo de sua esposa que entendeu o estado de espírito perturbado do Conselheiro, retira a queixa contra o mesmo.

Anos depois, José Nogueira de Amorim impetrou uma ação de cobrança contra o beato que lhe devia cento e sessenta mil réis. O citado episódio o tornou ainda mais amargurado, ou seja, ser acusado de devolver insolvente: sem condições de paga-lá. A humilhação alcançou o seu ápice: abandonado pela companheira, acusado de tentativa de homicídio contra Lourenço Correia, etc.

Era comum as mulheres procurarem um conselho ou simplesmente acompanhado-lo na tradicional oração nos finais de tarde.

Em virtude disto, ele ganhou o pedido de Conselheiro. O respeito e a admiração das pessoas cresceram tanto em torno dele (Conselheiro) que passaram a procurá-lo mais do que o padre local.

Em pouco tempo passou, assim, a resolver (arbitrar) os conflitos locais, ou seja, passou a ser um grande conselho de todos os momentos.

Pedintes, além das pessoas mutiladas e marginalizadas formavam um verdadeiro exército que o seguia diariamente e compartilhavam as horas destinadas às rezas.

Unido por um mesmo objetivo tomaram a decisão de fazer pregação de comunidade em comunidade. Andava com um oratório contendo a imagem de Jesus Cristo. Entoava em voz alta diferentes cânticos.

Escolhiam um local adequado para as rezas.

Em 1876, o nome de Antônio Conselheiro já era bastante conhecido no nordeste.

Quanto à igreja, esta, que a princípio não se interessava muito pelo caso, acreditando que não passava de um movimento fanático, mas ao perceber que o grupo liderado por Conselheiro estava causando danos para a religião até então oficial no Brasil, tomou providências.

O então arcebispo da Bahia, ao tomar conhecimento do que estava ocorrendo e ao perceber que o beato, através de sua liderança estava provocando o enfraquecimento da autoridade dos padres e pregando doutrinas definidas como supersticiosas, resolve proibir a participação das pessoas católicas da região de se reunirem para ouvirem as pregações preferidas pela citada liderança.

Aos 47 anos de idade Antônio Conselheiro foi detido na área sertaneja da Bahia, fato que provocou repulsa por parte daquela população.

Sob ordem de autoridades baianas, Conselheiro foi mandado de volta para o Ceará.

As referidas autoridades recomendaram que não fosse permitida a sua volta à Bahia, sob o argumento de que os padres não o viam com bons olhos as ações do citado líder.

Mesmo sem possuir um bom conhecimento sobre teologia, Conselheiro entendia bem as escrituras, levando em consideração o nível de instrução que o mesmo alcançou.

Sob a liderança de Antônio Conselheiro, o impacto no clero baiano, inclusive, o arcebispo da Bahia, ordenou que os padres da Bahia vetassem a presença/participação de fiéis nas reuniões lideradas por Conselheiro.

O citado veto provocou um efeito contrario, ou seja, aumentou ainda mais o número de fiéis em torno do citado movimento.

Isso fez com que o referido arcebispo solicitasse providências rigorosas do presidente (Governador) da Bahia à época, como forma de deter o movimento liderado por Conselheiro.

Uma das medidas que chegou a ser cogitada foi a de internar Antônio Vicente no asilo de loucos no Rio de Janeiro.

Além do mais, o beato passou a sofrer preconceito de diferentes setores do Brasil. No terceiro parágrafo da página 20 do texto *Belo Monte: uma história de Guerra de Canudos*, José Rivair cita Nina Rodrigues (1806-1906) como autor de frases do tipo: doente mental, alienado, etc.

Segundo Nina Rodrigues, o beato agia sobre uma comunidade sertaneja incapaz de “compreender, aceitar e praticar as formas mais liberais e complicadas”. Para o citado médico e cientista maranhense, a resolução (decisão) da resistência dos sertanejos às forças militares seria uma consequência das qualidades atávicas guerreiras dos jagunços, já vê etnicamente descendiam de nativos e africanos.

Os comentários sobre a sua pessoa cresciam vertiginosamente, formando um conjunto de realidades e mito.

A fértil mente popular favorecia o fervilhar de pensamentos sobre este líder. Nas andanças pelas comunidades interioranas, o beato concretizou sua vocação peregrina.

O andarilho, no decorrer de vinte anos, conseguindo elaborar uma obra religiosa com forte apelo político e social no sertão do Nordeste, conseguiu juntar em torno de si adeptos e seguidores; atraiu a admiração e o respeito da camada humilde da população; foi ao mesmo tempo temido, protegido e ferozmente combinado pelas autoridades civis e religiosas.

Após cumprir pena por suposto homicídio (acusado de matar a mãe e a esposa), Antônio Maciel retomou os seus contatos os seus fiéis.

Como é comum nesses casos, a fraqueza foi transformada em virtude.

De 1877 a 1887, o beato prosseguiu com suas atividades entre os rios São Francisco e Itapicuru, como em Alagoinha, Inhambupe, Bom Conselho, Jeremoabo, Cumbe, Mucambo, Maçacará, Pombal, Monte Santo, Tucano, etc.

Nos seus deslocamentos, aproveitava para consertar igrejas e cemitérios, além de construir pequenos açudes etc.

A essa altura, o beato já era bastante conhecido nos sertões, recepcionado com grande fervor na entrada das comunidades.

CAPÍTULO III
ANÁLISE DE FOTOS RELACIONADAS A GUERRA DE CANUDOS

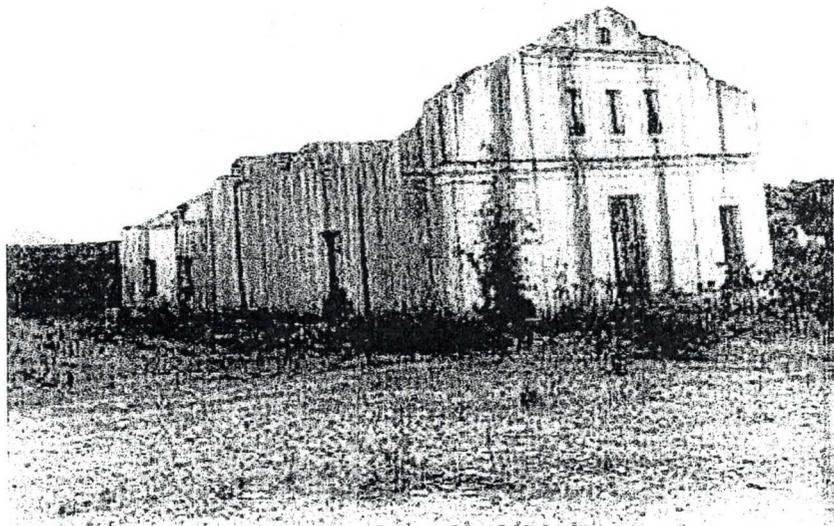


Foto 01: Escombros da Igreja da Segunda de Canudos pouco antes de ser inundada pelas águas do rio Vaza-Barris

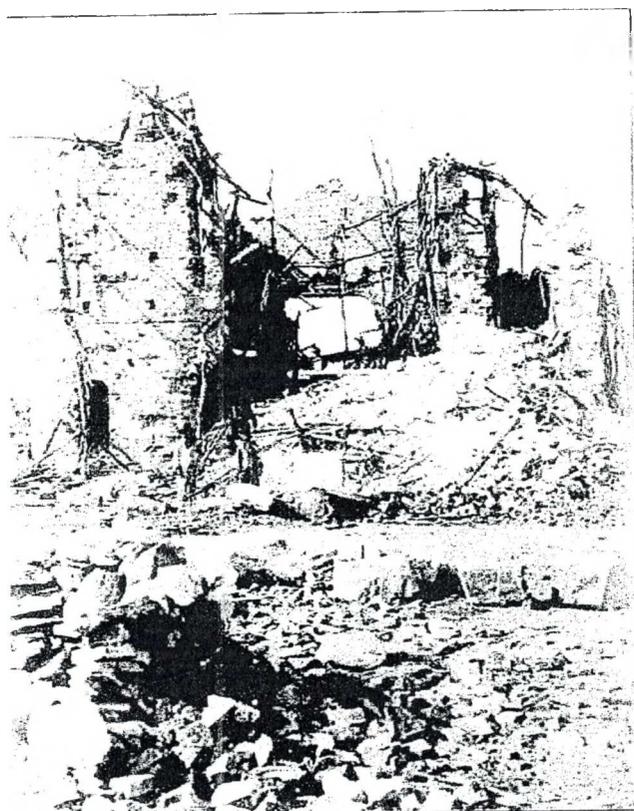
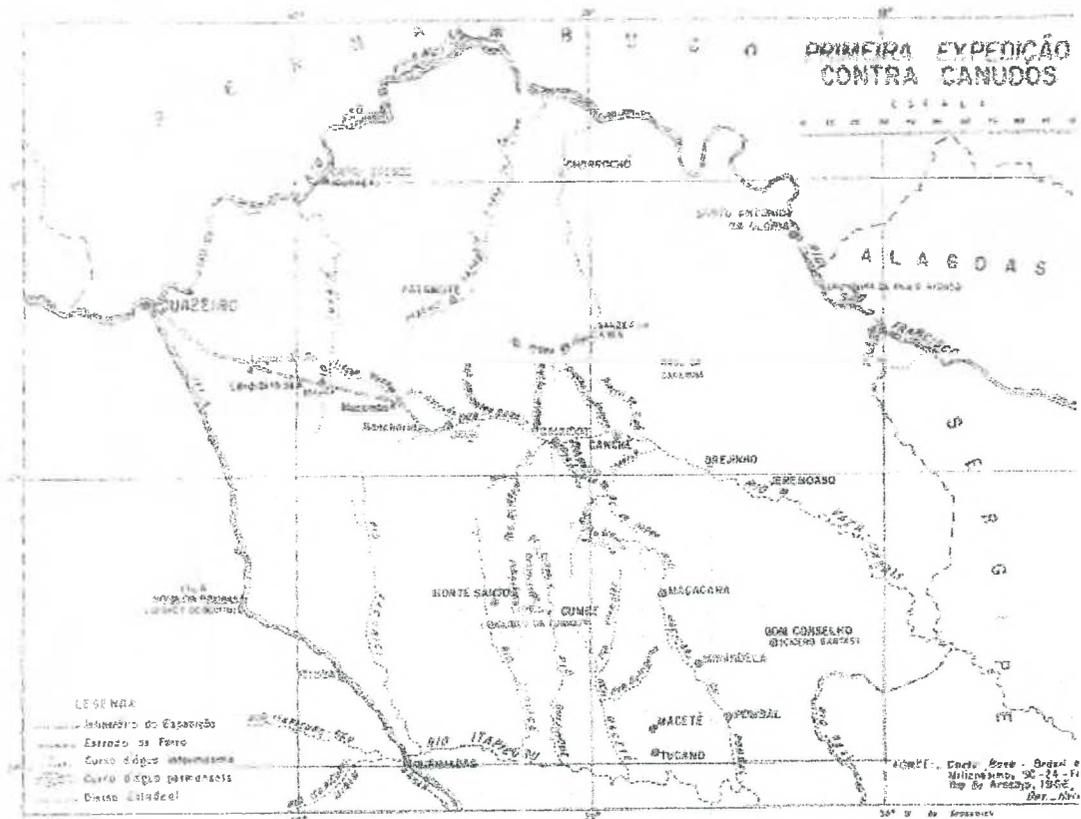


Foto 02: Ruínas da Igreja nova da primeira Canudos após o último combate que destruiu a primeira sede desta comunidade. Esta foto simboliza a destruição da primeira Canudos, marcando uma nova fase naquela comunidade.



Eram estradas estratégicas para as forças de repressão ao movimento liderado por Antônio Conselheiro.

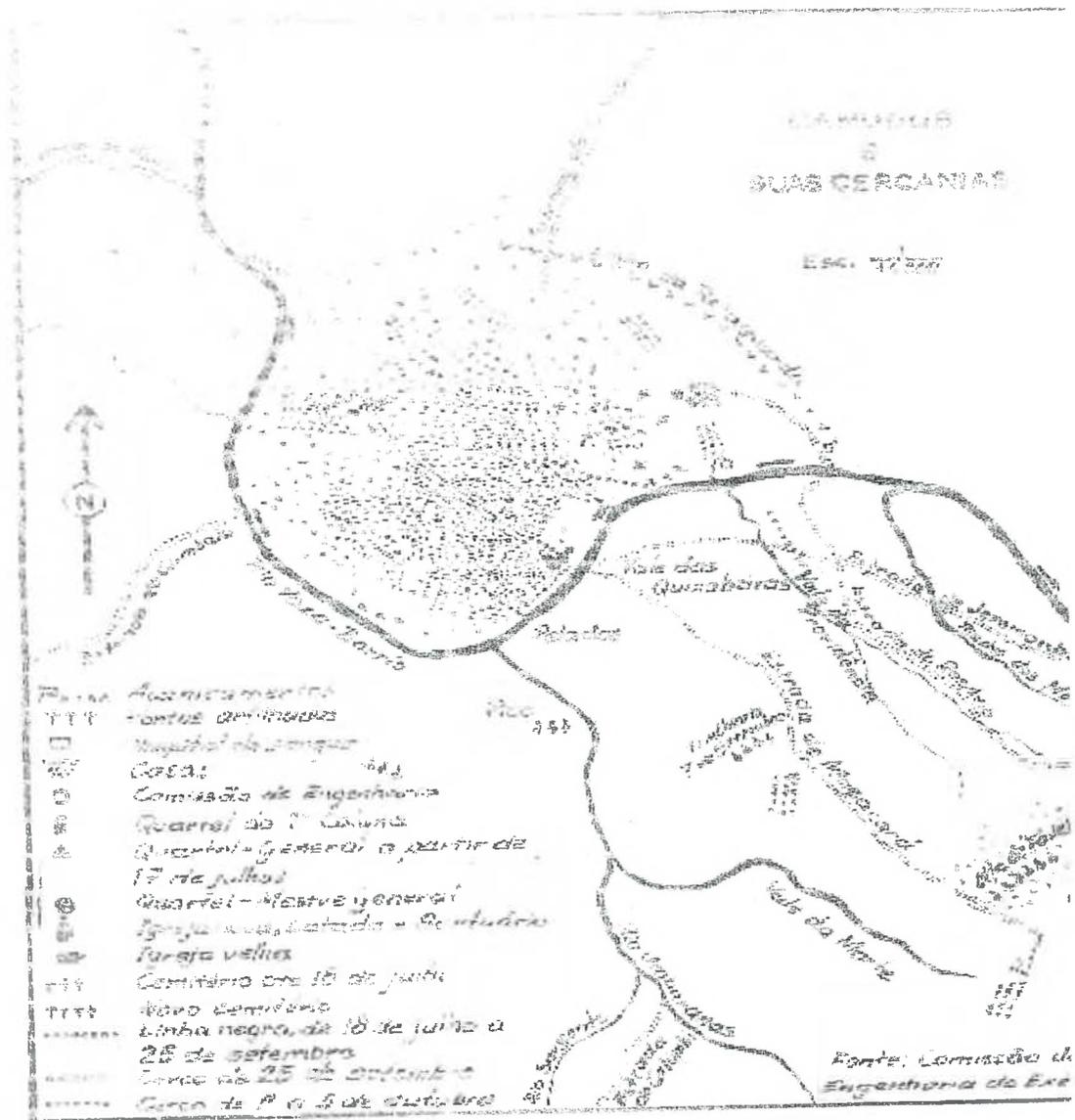


Foto 6: Paico das operações contra o movimento rebelde de Canudos. Cada um dos símbolos representados na foto marca setor de Canudos.



Foto 7: Foto representando o aspecto físico geral de Canudos. Vêm-se pedras, terra, além da presença de cactos típicos do sertão nordestino. Pela imagem, o período era de estiagem.

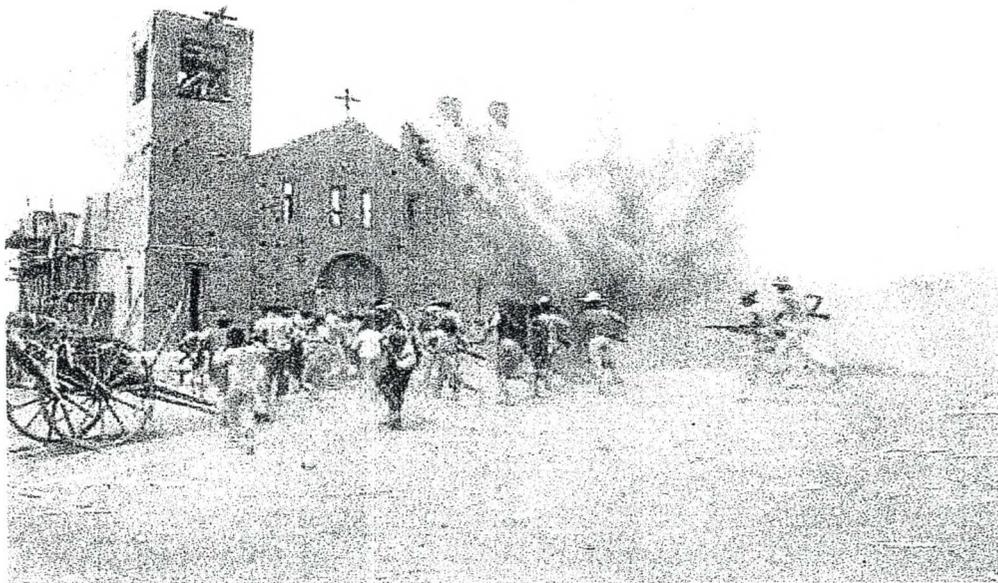


Foto 8: Cena do filme sobre o conflito de Canudos em comemoração do centenário desta guerra.



Foto 9: Esta foto representa uma Canudos que desafiou uma ordem até então vigente



Foto 10: Esta foto representa a luta de um povo contra a opressão e a miséria. Na foto em destaque a cruz, carregada representa a influência ou melhor, o papel exercido pela Igreja Católica na vida do povo sertanejo.

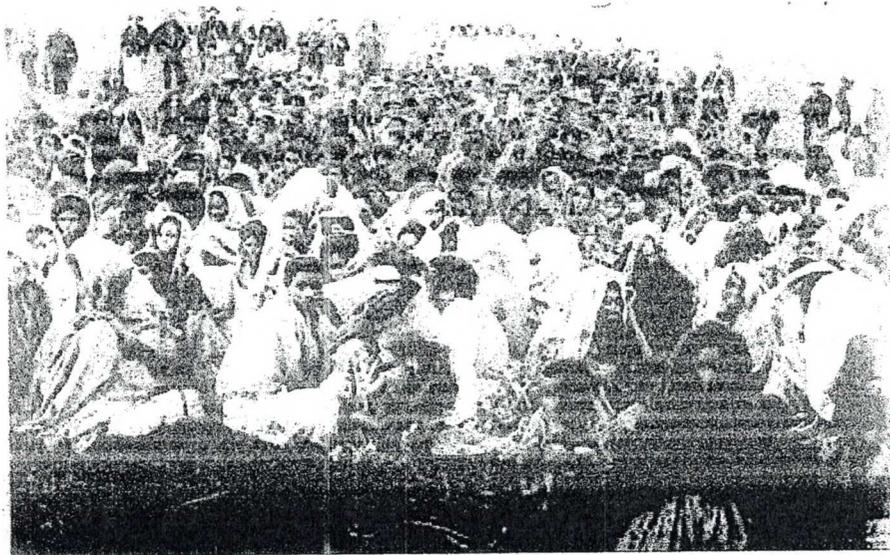


Foto 11: Esta foto revela os últimos momentos do conflito de Canudos. A foto foi tirada em 1897.

Considerações Finais

No Transcorrer desta monografia, fui expondo a máximo de dados sobre a guerra de Canudos ocorrida na Bahia.

Uma figura que procurou ressaltar nesta monografia é a de Antônio Conselheiro, liderança central daquele conflito de repercussão nacional.

Figura polêmica, o beato despertou ódio e respeito. Odio por parte de muitas pessoas que não aceitavam as suas ações, mas por outro lado, era respeitada por veneração e tratado com um místico.

Para elaborar esta monografia foram utilizados diversos textos sobre o tema. Na verdade, o intuito deste trabalho de relativos ao conflito de canudos. Espero que este trabalho de monografia ajude a esclarecer as dúvidas doas pessoas acerca do movimento canudense.

Referências

- Fundação Joaquim Nabuco
<http://www.fundaj.gov.br/nititia/servlet/newstorm.nspresentatio...>
- A guerra de Canudos (1896-1897)
<http://www.brasilecola.com/historiab/canudos.htm>
- Antônio Conselheiro – Wikipédia
http://pt.wikipedia.org/wiki/ant%C3%bynio_conselheiro
- Canudos 100 anos
<http://www.salvatorianos.org.br/desafio/edicao70/canudos.htm>
- Breve Relato sobre a guerra de Canudos – Trúpole Gaudenzi
<http://culturabrasil.org/euclides/tripoli.htm>
- Antônio Conselheiro e a guerra de Canudos
<http://members.fortunecity.com/aroldocarneiro/conselheiro.htm>
- Sola, José Antônio
Canudos: uma utopia no sertão/José Antônio Sola – São Paulo: Contexto,
1989. (Coleção repensando a historia)